

PROGRAMA RADIOFÔNICO DE DOCUMENTÁRIO EM ÁUDIO: “FAMÍLIA MARION” – O RETRATO DO DIA-A-DIA NO CAMPO¹

Aila WAYHS FERRARI²
Aliete do PRADO MARTINS³
Fernanda PUHL⁴
Lidia Paula TRENTIN⁵
Maurício Emanuel CATTANI⁶
Rodolfo SGORLA DA SILVA⁷
Debora Cristina LOPEZ⁸

Universidade Federal de Santa Maria- UFSM/CESNORS, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O presente artigo visa descrever o processo de produção de um radiodocumentário proposto na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo III, intitulado “Família Marion – o retrato do dia-a-dia no campo”, o qual mostra como é a vida no meio rural, fazendo comparações entre o passado e o presente de alguns assuntos relacionados ao tema. A fonte principal do documentário é a agricultora Edite Luíza Trezzi Marion. Seu filho Rodrigo Marion, profissionais especializados em determinadas áreas do conhecimento, como um historiador, uma nutricionista e uma professora, também contribuem com seus relatos nesta produção. Paralelamente a diversos assuntos, como a Imigração Italiana, Saúde, Educação, a história dos Marion, a rotina diária da família é contada dividida pelas partes do dia, manhã, tarde e noite.

PALAVRAS-CHAVE: radiodocumentário; Família Marion; dia-a-dia do campo.

1 INTRODUÇÃO

“Família Marion – o retrato do dia-a-dia no campo” é um documentário radiofônico com uma única edição, produzido por acadêmicos da disciplina de Laboratório de

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em áudio.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: ailinha.ferrari@hotmail.com.

³ Estudante do 7º Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: alietedoprado@hotmail.com.

⁴ Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: fernanda_puhl@hotmail.com.

⁵ Estudante do 7º Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: ly_lidia@hotmail.com.

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: mauricioecattani@gmail.com.

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: rodolfosgdasilva@gmail.com.

⁸ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: deboralopezfreire@gmail.com.

Radiojornalismo III, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul – CESNORS.

A escolha do tema se deu devido a pouca atenção que a mídia dispensa à população rural do município de Frederico Westphalen. Foram considerados como público alvo todos os moradores, tanto do meio rural como do urbano da região, afinal, a maioria tem alguma relação com o campo ou depende dele para sobreviver. O radiodocumentário não foi produzido para atingir uma faixa etária específica, pois ouvintes de todas as idades podem se interessar pela temática abordada; por isso, utilizamos uma linguagem coloquial, onde qualquer pessoa, independentemente da formação, possa entender. Desta forma, a intenção foi levar aos ouvintes um tema atual e importante, de maneira dinâmica, que informasse e fizesse com que as pessoas refletissem sobre a vida no campo.

O programa foi produzido para ir ao ar em uma rádio AM, no sábado, a partir das 11 horas e 30 minutos da manhã - com duração de 25 minutos - por ser a hora que as pessoas estariam se preparando para o almoço no final de semana. O mesmo foi pensado e estruturado de uma forma que a informação pudesse ser passada de uma maneira mais leve do que a convencionada em um radiojornal, por exemplo, unindo informação e entretenimento. Sendo assim, buscamos criar um ritmo narrativo.

A fim de prender a atenção do ouvinte, utilizamos trilhas e, principalmente o som ambiente para que o documentário radiofônico não ficasse monótono e permitisse a criação de imagens acústicas. Pelo mesmo motivo o narrador foi um dos personagens – Dona Edite Luíza Trezzi Marion - e para “costurar” a narração com os depoimentos das fontes, foram feitas interferências de um segundo narrador, sendo este componente do grupo. Chantler e Harris (1998, p.165) explicam “que as palavras das outras pessoas causam mais impacto do que as suas, e que há sons muito mais importantes do que palavras. Essa é a essência do documentário”.

Como uma forma diferenciada de fazer a entrevista, “fugindo” do *ping-pong* tradicional, mantivemos um tom de conversa com a personagem principal, deixando-a a vontade para falar o que quisesse, de acordo com os tópicos propostos pela nossa equipe. Para isso, optamos por passar um dia inteiro acompanhando a rotina da família; assim, de acordo com a atividade que Dona Edite realizava, os assuntos iam sendo introduzidos, de uma forma espontânea; outros assuntos que não tinham relação com a atividade realizada foram abordados em horários alternativos, como o café da manhã, o almoço e o café da tarde.

Neste intuito, apresentamos a seguir as etapas mais detalhadas do processo de produção do radiodocumentário: “Família Marion: o retrato do dia-a-dia no campo”.

2 OBJETIVOS

O presente radiodocumentário surgiu com o principal objetivo de mostrar aos ouvintes como é a vida no meio rural. Ou seja, por meio deste documentário radiofônico buscamos de uma forma diferenciada e dinâmica trazer a realidade das pessoas que vivem no campo, para que o público se informe e reflita sobre a importância do meio rural para a sociedade.

Também procuramos atingir os seguintes objetivos específicos:

- a) diminuir a distância entre moradores do meio urbano e do meio rural, utilizando uma linguagem simples para prender o ouvinte;
- b) trazer para o público detalhes da vida no campo;
- c) representar o meio rural de uma maneira diferenciada, através de uma linguagem um tanto quanto poética;
- d) criar uma aproximação dos descendentes de italianos, alemães e poloneses por meio da história da imigração da família de Dona Edite juntamente com o depoimento de um historiador;
- e) colocar em evidência como era a educação, a religião e a saúde no campo, antigamente, em áreas rurais;
- f) destacar a realidade da família Marion hoje.

3 JUSTIFICATIVA

A proposta para a criação do documentário “Família Marion – o retrato do dia-a-dia no campo” surgiu a partir de uma ideia lançada em sala de aula pela professora Debora Cristina Lopez, que ministrava a disciplina de Laboratório de Radiojornalismo III no

primeiro semestre letivo de 2011. Com exceção do tempo, os demais critérios, como tema, perfil e características foram de escolha do grupo.

A escolha do tema se justifica pelo fato de que na cidade de Frederico Westphalen - município onde se localiza o Centro de Educação Superior Norte do Rio Grande do Sul - é dada pouca atenção da mídia à considerável porcentagem da população rural, principalmente utilizando o formato radiofônico de documentário. Uma pesquisa realizada no ano de 2008 pela Fundação de Economia e Estatística (FEE)⁹ apontou que 47,57% da população regional é rural. Ainda, outros dados obtidos pelos acadêmicos de Comunicação Rural do primeiro semestre de 2009 afirmam que os programas específicos para o público rural, sob o gênero de variedades são apenas: “LA no Campo” – veiculado pelas ondas da “Luz e Alegria AM” de Frederico Westphalen e “Na hora do campo” – transmitido pela “Rádio Chirú AM”, de Palmitinho. Destes, nenhum aborda o gênero de radiodocumentário, além de não trabalhar com o aprofundamento ou com exploração de personagens na composição da narrativa jornalística.

Ainda, procuramos valorizar os moradores da zona rural frederiquense, acompanhando a rotina de uma família, como forma de mostrar – para quem já conhece ou ainda não tem conhecimento - a forma de vida e sustento dos mesmos. Desta forma, retratando a realidade, pudemos trazer à tona vários temas como a colonização italiana (origem da família), o acesso que tiveram à saúde e educação e as atividades realizadas na propriedade, fazendo um comparativo de como eram as coisas antigamente e como são nos dias atuais.

A opção de a narração ter sido feita por um dos personagens, no caso, a trabalhadora rural Edite Luíza Trezzi Marion, foi dada com o intuito de gerar identificação com o público, além de tornar o radiodocumentário mais espontâneo, estabelecendo uma conversa com o ouvinte. A utilização de um outro narrador, componente do grupo, foi feita com o intuito de conectar os assuntos abordados pela narradora principal. Esta narração foi criada após ser finalizada a edição do áudio da moradora rural, criando “ganchos” entre as falas da mesma.

⁹ Disponível em: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes.php.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fim de representar o meio rural regional decidimos explorar o dia-a-dia de uma família que morasse no campo e que tivesse as principais características das demais que se encontram na região do Médio Alto Uruguai, ou seja, uma propriedade baseada na agricultura familiar; de origem alemã, polonesa ou italiana; que tivesse um idoso ou pessoa de meia idade; que passou pelo êxodo rural segundo pesquisa FINEP/UFSM¹⁰ enfim, que obedecesse aos requisitos básicos para caracterizar o local. Neste sentido, a família Marion aceitou o desafio.

Partimos então para a etapa das definições do produto e formação do roteiro. Optamos pela narração feita pela personagem, com inserções de um segundo narrador de nossa equipe apenas quando necessário para “costurar” o texto e dar sentido a próxima fonte que expressaria suas ideias. Decidimos também passar o dia todo com a família – que era composta de mãe e filho – a fim de acompanhar todas as suas atividades. Para não perdermos nada do que a narradora falava, colocamos na personagem um microfone sem fio de lapela e assim desenvolvíamos a conversa ao longo do dia; essa foi uma forma para deixar a personagem mais à vontade. Para o filho ocupávamos um microfone *boom*.

No dia 06 de maio de 2011, com três componentes do nosso grupo, pegamos um ônibus às 6 horas da manhã e nos dirigimos até a residência de Dona Edite, já que não queríamos perder nenhum momento do dia, considerando que o período matutino é muito importante, pois neste são realizadas muitas atividades no campo. A ideia era acompanhar um dia da rotina da família Marion que representasse a rotina diária da mesma e que também caracterizasse a da região. Em um primeiro momento, Dona Edite se sentiu intimidada e pensou até em mudar sua rotina por nossa causa, já que achava que nós necessitávamos da atenção especial dela, mas já na metade da manhã ela entendeu nossa proposta e conversava normalmente (mesmo que nós não fizéssemos perguntas) ao mesmo tempo em que realizava suas atividades. Retornamos para a cidade no turno da noite, quando todos os assuntos já haviam sido esgotados. Como neste último período não havia muitas tarefas a serem realizadas e o tempo era dedicado ao entretenimento e a conversa

¹⁰ Pesquisa desenvolvida por acadêmicos do curso de Jornalismo e Relações Públicas com financiamento do FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) que visava conhecer a realidade do meio rural por meio de estudos de recepção.

entre a família procuramos, na hora da edição, colocar temas (como a doença do marido, a religião) que não foram tratados ao longo do dia e que tivessem um caráter reflexivo.

Um ponto proposto foi a utilização do som ambiente como caracterização do local, pois necessitávamos que o ouvinte do programa se sentisse na propriedade rural vivenciando o que lá se passava. Não produzimos nenhum som em estúdio, todos foram captados no local no mesmo dia da gravação e inseridos, na hora da edição, onde fossem necessários.

Ainda nos propomos a encontrar fontes secundárias, que fossem ligadas ao assunto e que trouxessem opiniões especializadas de acordo com os temas tratados pelo radiodocumentário, como historiador, filhos que migraram para a cidade, professor de escola no interior, etc.

Antes de ir até o local organizamos um roteiro com cerca de cem perguntas e tópicos de assuntos a serem tratados durante a captação, sendo este também referência na hora da edição do material, que estava desorganizado. Primeiramente, buscamos seguir o roteiro que foi esquematizado com os temas que gostaríamos de abordar em cada bloco do programa já em uma ordem correta, mas isto não foi possível quando a personagem mostrou sua espontaneidade, a conversa fluiu muito naturalmente e nos desprendemos do script; em alguns momentos pegávamos a folha esquematizada e riscávamos o que já havia sido perguntado, mas não nos prendemos a ela. Os tópicos elaborados anteriormente se referiam à migração da família italiana para o Brasil; a educação da dona Edite bem como dos seus filhos; a religião, festas, escola, casamento, comidas típicas e costumes na época em que a narradora fora jovem e atualmente, estabelecendo um comparativo; sobre o trabalho desenvolvido na propriedade; doença do esposo e a relação com a medicina atual e antiga. (Considerando que um dos integrantes de nosso grupo já conhecia a personagem, sabíamos os temas que a mesma teria afinidade em falar e o básico sobre sua história de vida).

Primeiramente fomos captar as informações com a narradora principal, pois dependendo do que ela falava já sabíamos se precisaríamos de outras opiniões especializadas, que seriam explicativas de acordo com cada tema proposto ou não seriam necessárias. Por isso, antes de nos dirigirmos as demais fontes secundárias, garimpamos o áudio bruto e pré-editamos o mesmo de acordo com o roteiro. Posteriormente, fizemos as demais entrevistas e iniciamos o processo de edição propriamente dito, onde os seis integrantes do grupo participaram. Aproveitando as várias “estórias” contadas por Dona

Edite, com vinheta específica que a caracterizasse, colocamos em cada bloco uma delas. Passada a etapa de edição finalizamos o produto e reescrevemos o roteiro de acordo com as mudanças que ocorreram no desenvolvimento do trabalho.

5 DESCRIÇÃO DO PROCESSO OU PRODUTO

O tipo de formato de radiodocumentário ainda é pouco explorado pelas emissoras de rádios brasileiras, devido à demanda de tempo e recursos necessários para realizar a produção. Segundo Ferrareto (2000, p.57) “baseia-se na pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio”. O que leva uma grande demanda para realizar a produção.

Faus Belau aponta que o rádio tem perdido sua capacidade de despertar a imaginação:

Hemos perdido gran parte de la capacidad se sorprender, de impulsar la imaginación, de medir el tiempo del relato – e incluso su oportunidad – de entretejer la realidad y la emoción del verbo, la actualidad y la estética, el esencial informativo. (FAUS BELAU, 2001, P.18)

O uso desse formato na programação radiofônica ainda que distante, é uma forma de quebrar a maneira tradicional de levar a informação até ao ouvinte. O radiodocumentário “Família Marion – o retrato do dia-a-dia no campo” busca justamente por meio de som ambiente e trilhas transportar o ouvinte até o local onde acontece a história, despertando a capacidade de imaginação do público.

Este produto tem um tempo total de 24 minutos e 53 segundos, sendo que o áudio bruto teve dez horas contínuas. Ele foi dividido em três blocos, do qual o primeiro com 9 minutos e 2 segundos de duração, se caracterizando como o mais longo de todos. Já o segundo, tem um tempo total de 8 minutos e 21 segundos. E o último possui 7 minutos e 29 segundos. A ideia da divisão dos blocos foi realizada para dar alusão ao tempo cronológico do dia, ou seja, o primeiro com maior tempo, pois representa o período da manhã onde ocorrem intensas atividades no campo; o segundo com um período menor, pois à tarde as obrigações diminuem. E o último à noite, onde os envolvidos dormem cedo.

Dividimos os assuntos de acordo com os blocos relacionados ao trabalho que Dona Edite e seu filho realizariam no momento, seguindo a ordem cronológica do trabalho dos mesmos ao longo do dia e inserindo fontes especializadas de acordo com o assunto retratado. No primeiro bloco foi abordada a imigração dos italianos ao Brasil, processo esse também explicado pelo historiador; em seguida o trabalho da ordenha das vacas e funcionamento da propriedade e ainda dona Edite e três de seus filhos comentam sobre o êxodo rural. O segundo bloco começou com na hora do almoço, logo, o assunto comida foi evidência, inclusive com opinião especializada da nutricionista; Dona Edite, tem o rádio como uma companhia e relembra quando ouvia o repórter Esso; neste mesmo gancho ela conta como era o trabalho antigamente e faz juntamente com o seu filho um comparativo com o de hoje; a agricultora conta como foi sua vida desde sua infância quando fora na escola, seu casamento e também a educação dos filhos, onde foi inserida opinião especializada de professora que trabalha no interior. No terceiro bloco buscamos mais a reflexão, já que a família se encontra reunida dentro de casa, sendo esta a hora da conversa. Foi proposto o tema religião, saúde e convívio familiar.

No início da produção o ouvinte se depara com um *teaser* do que irá ouvir, numa tentativa de prender a atenção, trazendo trechos mais significativos do que acontece no desenrolar da produção, como por exemplo, a hora da ordenha das vacas, a emoção de Dona Edite falando de sua família; depois segue com a vinheta de abertura e começa o desenrolar da narrativa. No começo e final de bloco ainda possui uma vinheta característica “de estamos apresentando” e “voltamos apresentar” dizendo o nome do radiodocumentário para localizar o público ao que está ouvindo.

No término dos dois primeiros blocos o ouvinte pode ser surpreendido com o quadro “Conte uma história Dona Edite”, quebrando com a narração e despertando a curiosidade do público. No último bloco esse quadro aparece na metade. No término de toda a produção entra uma vinheta de encerramento.

6 CONSIDERAÇÕES

Com a realização deste trabalho foi possível, primeiramente, termos contato com este tipo de produção radiofônica. Um dos pontos que consideramos mais importantes foi a

percepção de que se trata de um produto diferente dos demais ligados ao rádio, como notícia, nota e reportagem. Isso porque através do radiodocumentário tivemos maior liberdade para o tratamento do conteúdo, como a captação e utilização de som ambiente com ferramentas destinadas exclusivamente para essa finalidade. Algo que tende a não ocorrer na apuração de informação para notícias factuais, em virtude da recorrente velocidade exigida para que esta informação seja veiculada.

Outro ponto em que percebemos diferença entre o radiodocumentário e as demais produções radiofônicas foi a profundidade na abordagem do tema. Ao possuímos trinta minutos para abordar um tema específico, inegavelmente, inclusive pela inserção de subtemas, houve um aprofundamento da informação maior do que nas produções convencionais do rádio. Além disso, tivemos uma liberdade maior na redação e para a edição, onde, apesar de ter seguido a linearidade da passagem do dia, inserimos os subtemas sem uma regularidade específica.

Percebemos, também, que a produção de radiodocumentários não ocorre com tanta frequência em rádios brasileiras, deste modo, tivemos contato com uma rotina de produção que, possivelmente, não encontraremos no mercado de trabalho. Assim, destacamos o fato de termos conhecimento técnico para apurar um tema em profundidade, algo que pode ser útil para a produção de notícias e reportagens, mesmo que estas não tenham a mesma profundidade exigida em um radiodocumentário.

Por fim, explicitamos que incluímos em nosso currículo conhecimentos sobre a temática abordada e, principalmente, sobre a produção de um radiodocumentário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHANTLER, P. e HARRIS, S. **Radiojornalismo**. São Paulo: Ed. Summus, 1998.

FAUS BELAU, Ángel. **La rádio en el entorno cambiante del siglo XXI**. In: MARTINEZ COSTA, p.(Coord.). **Reinventar la radio**: Actas de Las XV Jornadas Internacionales de la Comunicación. Pamplona: EUNSA, 2001. Pg. 15 a 37.

FEE. Fundação de Economia e Estatística. **Estatísticas populacionais - 2008**. 2008. In: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/capa/index.php>. Acesso em: 30 abr. 2011.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio – o veículo, a história e a técnica**. 2º ed. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.